

DESMATAMENTO E MORTE

Ambiente perigoso

ONG internacional lista 908 assassinatos de ativistas de 2002 a 2013; quase metade foi no Brasil

MARIZILDA CRUPPE/AFIP



Desmatamento. Extração ilegal de madeira em Goianésia (GO): atividade abre caminho para pecuária e soja, avançando sobre unidades de conservação e atentando contra os direitos da população local e o trabalho de defensores do meio ambiente

RENATO GRANDELLE
renato.grandelle@oglobo.com.br

O extrativista José Cláudio Ribeiro, a religiosa americana Dorothy Stang e o biólogo espanhol Gonzalo Alonso Hernández têm algo em comum. Os três ativistas foram assassinados no Brasil, palco de suas campanhas a favor da conservação do meio ambiente. Eles figuram numa relação divulgada ontem pela ONG Global Witness, que lista 908 ambientalistas executados, entre 2002 e 2013, em 35 países. Quase metade dos casos, 448 mortes, ocorreu em território brasileiro.

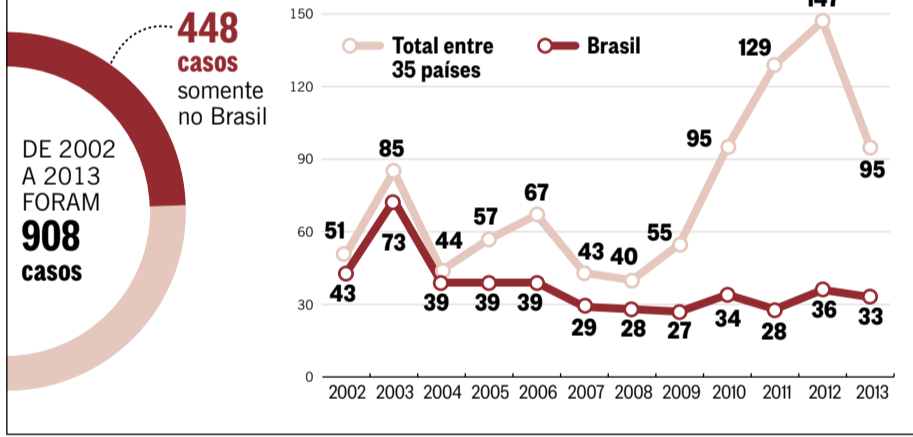
No relatório "Deadly Environment" (ou "Ambiente mortal"), a ONG acusa o país de não monitorar redes criminosas atuantes na Amazônia e em outros ecossistemas, subestimar os conflitos de terra e negligenciar assistência a famílias ameaçadas por proprietários de terra e madeireiros. O Brasil é o Estado mais perigoso para a defesa do direito à terra e ao meio ambiente, seguido por Honduras, com 109 assassinatos, e Filipinas, com 67.

O ano mais crítico foi 2012, quando ocorreram 147 mortes de ativistas em todo o mundo, três vezes mais do que dez anos antes. No dia 22 de junho, o mesmo em que a conferência climática da ONU Rio+20 foi encerrada, dois defensores dos direitos dos pescadores artesanais no Rio foram sequestrados. Almir Nogueira de Amorim e João Luiz Telles denunciavam grandes pescadores que usavam "currais" para lotear a Baía de Guanabara. Seus corpos foram encontrados nos dias seguintes, boiando na baía, em Niterói.

CONDENAÇÃO EM APENAS 1% DOS CASOS

Em todo o mundo, apenas 10% dos casos chegam aos tribunais, sendo que somente 1% resulta em condenação. Para a Global Witness, o percentual é um símbolo da "cultura endêmica de impunidade" conduzida pelos gover-

NÚMEROS DE MORTES



nos. A falta de condenações contribui para o silêncio dos ativistas e da população prejudicada por atividades econômicas ilegais.

— Esses crimes não recebem a atenção necessária das autoridades. Se houvesse um monitoramento constante nos biomas mais ameaçados, seria possível levar muitos outros criminosos à Justiça — denuncia Oliver Courtney, coautor do relatório.

Courtney considera a situação brasileira "particularmente grave" devido ao crescimento dos episódios de violência na Amazônia. O documento lembra que, em 2013, o desmatamento na maior floresta tropical do planeta aumentou 23%. A maior incidência de desflorestamento (61%) ocorreu no Pará e no Mato Grosso do Sul, dois dos estados onde há mais atentados contra ativistas.

No interior do Mato Grosso do Sul, produtores de carne bovina, soja e cana de açúcar têm entrado em conflito com índios das comunidades guarani e kuranji. Segundo a Global Witness, metade dos assassinatos de ativistas ambientais em 2012 ocorreu na região. E, no país todo, foram

mortos 250 defensores de origem indígena entre 2003 e 2010.

— O conflito por terra na Amazônia cresceu dramaticamente no ano passado — destaca. — O Brasil tem uma grande mobilização da sociedade civil, mas a população indígena continua exposta a atividades econômicas insustentáveis.

"LIMPEZA ENTRE OS BANDIDOS"

No Pará, o jornalista Pedro César Batista acumula uma lista de 18 amigos assassinados. Entre eles está seu irmão, o deputado João Batista, morto em 6 de dezembro de 1988 em frente ao prédio em que morava, em Belém. Três anos antes, seu pai, Nestor Batista, havia sobrevivido a um tiro de espingarda na cabeça. Por pressão da família, Pedro deixou o estado.

— O João era visto como um advogado dos sem-terra. Não acreditávamos que ele seria assassinado — recorda Pedro. — Mas descobrimos que havia uma lista com mais de 180 pessoas marcadas para morrer.

Dois pistoleiros foram responsáveis pelo atentado contra João Batista. Libertado após cumprir apenas um sexto

de sua pena, de 28 anos, Péricles Moreira foi executado com 14 tiros em uma emboscada. Roberto Cirino, o outro assassino, foi degolado antes de seu julgamento. Segundo Pedro, a "limpeza entre os bandidos" é uma forma comum de assegurar a impunidade dos mandantes dos crimes, como latifundiários, policiais e autoridades públicas.

Batista acredita que o número de assassinatos divulgado pela Global Witness está "totalmente subestimado". De acordo com ele, as lideranças camponesas são mortas devido à sua resistência ao avanço da agropecuária.

— Para o plantio de uma cultura, desmata-se um quilombo inteiro — ressalta.

Os madeireiros são os responsáveis pela derrubada da mata na Amazônia. Depois deles vêm a pecuária e a indústria da soja. O avanço dessas atividades econômicas sobre áreas protegidas esbarra no direito de populações indígenas e nos trabalhos defendidos por ativistas ambientais.

— A floresta é repleta de áreas de fronteira agrícola, e o governo não consegue acompanhar o ataque a essas regiões — lamenta André Guimarães, vice-presidente da Conservação Internacional. — Mas, embora a maioria das invasões ocorra na Amazônia, também precisamos prestar atenção no Cerrado. Metade desse bioma ainda está intacto, e ele pode atrair atividades econômicas no futuro.

A Global Witness reconhece que seu levantamento é parcial, dada a dificuldade para analisar os conflitos de terra em diversas regiões do mundo, especialmente em países africanos.

"Esses dados são muito provavelmente apenas a ponta do iceberg (...). O aumento de mortes é a face mais premente e mensurável de um conjunto de ameaças, entre as quais a intimidação, violência, estigmatização e criminalização." ●

CHICO MENDES

HÁ 25 ANOS, O CASO MAIS EMBLEMÁTICO

O assassinato mais marcante de um ambientalista no país fez 25 anos em dezembro. A morte do seringueiro Chico Mendes em Xapuri, no Acre, em 1988, atraiu as atenções do planeta para o flagelo da atuação descontrolada de posseiros e madeireiros ilegais na Amazônia. Com 13 anos de luta sindical e inúmeras denúncias feitas contra desmatadores, Chico alertou para as muitas ameaças que vinha sofrendo. Mesmo assim, não obteve proteção da polícia e foi executado com tiros de escopeta na porta de casa. Sua morte foi um divisor de águas para o movimento ambientalista brasileiro. Os dois responsáveis pelo crime, os fazendeiros Darcy Alves da Silva e Darcy Alves Ferreira, foram condenados a 19 anos de prisão. O primeiro chegou a ficar três anos foragido até ser recapturado.



Mártir. O seringueiro Chico Mendes

REPRODUÇÃO

SETE MOMENTOS DE UMA MESMA TRAGÉDIA

OUTUBRO DE 2002
UMA FAMÍLIA TODA MORTA
Uma chacina na Serra da Bocaina, na divisa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, vitimou uma família rural: um casal e dois filhos, todos mortos a golpes de foice. Eles haviam denunciado a atuação de palmeiros e caçadores ilegais na região de Rio Claro (RJ) a Bananal (SP), segundo as investigações da polícia. O caso permaneceu impune.

FEVEREIRO DE 2005
LUTA PELOS SEM-TERRA
A freira americana Dorothy Stang, de 73 anos, foi morta a tiros em Anapu, no Pará. O fazendeiro Vitalmiro Bastos de Moura, depois de idas e vindas da Justiça, foi condenado a 30 anos de prisão como mandante. Dorothy defendia assentamentos de sem-terra em terras invadidas por grileiros.

FEVEREIRO DE 2005
PALMEIROS AGEM DE NOVO
Onze dias depois da morte da irmã Dorothy, o ambientalista Dionísio Júlio Ribeiro Júnior, de 61 anos, foi morto com um tiro na cabeça numa emboscada a 200 metros da entrada da Reserva Biológica do Tinguá, em Nova Iguaçu. Caçadores e extratores ilegais de palmito foram os responsáveis.

ABRIL DE 2010
CONTRA OS AGROTÓXICOS
O líder comunitário José Maria Filho, de 44 anos, conhecido como Zé Tomé, lutava havia mais de dez anos contra a prática da pulverização aérea de agrotóxicos sobre as plantações de fruticultura irrigada em latifúndios da região da Chapada do Apondi, entre o Ceará e o Rio Grande do Norte. Vítima de uma emboscada, foi executado a tiros.

MAIO DE 2011
DENÚNCIA A GRILEIROS
O casal José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo foi executado no Assentamento Agroextrativista Praia Alta-Piranheiras, no Pará. Eles haviam denunciado grileiros e desmatadores ilegais. Testemunha das mortes, Erenildo Pereira dos Santos, de 25 anos, acabou morto na mesma semana.

JUNHO DE 2012
DISPUTA NA GUANABARA
Os pescadores Almir Nogueira de Amorim e João Luiz Telles Penetra, líderes de uma associação de pesca artesanal na Baía de Guanabara, foram mortos e tiveram seus corpos atirados no mar. Eles haviam sido ameaçados por pescadores que usavam "currais" para lotear grandes áreas da baía.

AGOSTO DE 2013
BIÓLOGO X CAÇADORES
O biólogo espanhol Gonzalo Alonso Hernández, de 49 anos, foi morto em Rio Claro (RJ). O crime, mais uma vez, foi cometido por caçadores e palmeiros ilegais, que ele havia denunciado. A viúva, Maria de Lourdes Pena Campos, denuncia que, nove meses depois, os assassinos ainda estão impunes.